

**Teresa Segurado Pavão
A FÁBRICA.**

*(...) El infinito lienzo de Penélope.
El tiempo circular de los estoicos.(...)*
Jorge Luis Borges

A nostalgia do lugar.

Esta é uma exposição inevitavelmente nostálgica. Primeiro porque se relaciona intimamente com o espaço e com o tempo do lugar em que acontece e depois porque encerra um ciclo de uma década de trabalho da Appleton Square.

Aqui funcionou durante cerca de cinquenta anos uma fábrica de passamanarias frequentada por Teresa Pavão ao longo da sua vida. Primeiro a curiosidade e mais tarde o seu trabalho na área dos têxteis trouxe-a inúmeras vezes a Alvalade, ao nº 27 da Rua Acácio de Paiva para comprar matéria-prima. Também a trouxe aqui a vontade de adquirir algumas peças de mobiliário para o seu atelier-loja, quando soube que a fábrica tinha sido vendida e ia fechar.

Teresa Pavão é capaz de ser a única artista, dos mais de cem que trabalharam na Appleton Square, que conheceu e estabeleceu uma relação com a fábrica. Que se lembra do barulho das máquinas, das cores dos fios, da beleza das sedas. Que sabia os nomes das mulheres que ali trabalhavam, tantas vezes sem descanso, e que as guarda na memória como símbolo do maior paradoxo daquele lugar, a austeridade do regime laboral que ali se praticava em oposição à delicadeza de tudo o que ali se produzia. Que não esquece o silêncio que ditou o fim, o vazio das prateleiras que foi acontecendo progressivamente. E que guardou com carinho grande parte desse património, que ainda hoje utiliza no seu trabalho.

São então afectos que provocam esta exposição. E utilizo o plural porque existem neste caso dois tipos de afecto de natureza absolutamente distinta, o do passado, de ligação à fábrica, e o do presente, de ligação à Appleton Square. São afectos relacionados sobretudo com a beleza do ser e do fazer, inspiração fundamental para qualquer artista.

Arrisco-me a assumir que a força maior está no passado, mesmo representando o passado opressão e o presente liberdade; é difícil resistir ao encantamento de (re)visitar o que já não existe. E é isso que Teresa Pavão nos propõe com a sua exposição. Por um lado através das peças que coloca na parede: teares com fios de seda e outros materiais da fábrica, que podiam ter sido produzidos ali mesmo, por outro através do dispositivo expositivo que desenhou, com a máquina instalada na sala onde funcionou durante tantos anos, e a mesa, numa alusão a uma linha de montagem, sobre a qual mostra as “molduras” que completam as peças expostas e as transformam em caixas de luz. A sala de baixo atribui à exposição uma dicotomia interessante: ali Teresa Pavão relembra-nos o presente, para que não nos esqueçamos que estamos numa galeria, muito especificamente na Appleton Square, espaço expositivo com o qual mantém esta ligação de afecto e continuidade. E fá-lo através de uma encenação assumida e eficaz em que expõe o “produto final” da fábrica – a sua “obra de arte”.

Torna-se assim evidente que a criação artística de Teresa Pavão, é, neste caso, impulsionada pela ligação ao lugar, não na dimensão formal enquanto espaço expositivo, mas numa outra dimensão, desta vez emocional, de memória e sentidos ligados a um tempo que já acabou. É portanto impulsionada pela “nostalgia do lugar”, esse lugar que se transformou e se libertou, mas que, como sentimos nesta exposição, manteve o seu encanto, a sua magia, a sua vida, o seu ritmo, as suas cores.

Agradecimentos

Teresa Segurado Pavão agradece a João Appleton, Vera Appleton, Leonor Lloret, Joana Gonçalves, José Pedro Croft, Edgar Pires, Henrique Pavão, Joana Capucho, Rui Sanches, Pedro Reis Gomes, Fernanda Fragateiro, Sofia Pinto Basto, Margarida Jardim, Rogério Costa, Esmeralda Teixeira, Teixeira e Garcia Unipessoal, Lda. e por fim a José Pinto que há doze anos retirou o tear da sala da fábrica, e que agora o desmontou e voltou a montar no mesmo lugar, para que fizesse parte desta exposição.

Um agradecimento especial a Lucinda Rosa, antiga funcionária da fábrica Martinho e Almeida, que tanto contribuiu para esta mostra com ofertas de sobras de peças de tear como pentes, lançadeiras, fusos, parafusos, rolos, roldanas, bobines, carretos, correias... e muitas passamanarias de sedas.